

Relações de gênero na família

Marília Gomes de Carvalho

RESUMO

O presente texto tem o objetivo de discutir as relações de gênero na família, considerando que há um modelo ideal de família, da sociedade ocidental moderna, que vem encontrando dificuldades cada vez maiores para sua realização em virtude das transformações sociais características da época em que vivemos.

A primeira parte traz uma discussão teórica sobre a questão da família conjugal enquanto um modelo estrutural que possui contradições com os valores individualistas da sociedade moderna, provocando tensões e conflitos que dificultam e, muitas vezes, impedem a reprodução deste modelo na realidade. Discute o modelo de divisão do trabalho na família e as relações de gênero, mostrando como ele gera desigualdades entre os cônjuges.

A segunda parte apresenta resultados parciais de uma pesquisa empírica realizada entre camadas médias de Curitiba. Através dos depoimentos de homens e mulheres entrevistados traz suas representações sobre os papéis de gênero na família, e como foram vivenciados por eles. Mostra também a necessidade de novas definições de masculinidade e feminilidade na família, compatíveis com as necessidades de uma sociedade onde valores como liberdade e igualdade são cada vez mais fundamentais.

INTRODUÇÃO

A família é uma instituição importante para toda e qualquer sociedade tendo em vista que é onde que se dá a transmissão da cultura para seus novos membros, portanto a transmissão dos padrões de sociabilidade, de comportamentos, costumes, valores, etc. Desta forma, é através da vida familiar que a sociedade tem em grande parte garantida a sua reprodução.

Faz parte destes padrões de sociabilidade as relações de gênero que têm na família uma de suas mais importantes fontes de reprodução, conflitos e transformações. Valores sociais e culturais, como por exemplo, os padrões de feminilidade e masculinidade e os modelos de afetividade e felicidade são vividos na família. Assim, estudar a família é também analisar as relações de gênero.

A mulher encontra na família um de seus principais papéis sociais. Ela é considerada a base da vida familiar e para se compreender o papel da mulher na sociedade é inevitável que se analise o seu papel na família. As transformações da vida social atual, com a participação efetiva da mulher no mercado de trabalho, vêm trazendo crises na vida familiar, além de conflitos nas relações de gênero, uma vez que se modifica estruturalmente seu papel dentro do núcleo familiar.

Por outro lado, a participação da mulher no mercado de trabalho não tem sido fácil. Nem todas as ocupações e profissões abrem às mulheres as mesmas perspectivas de trabalho que aos homens. Sabe-se que existem profissões

que são tradicionalmente consideradas masculinas onde a aceitação da mulher ainda é difícil. Preconceitos e discriminações têm sido comuns em certos ramos de trabalho, dificultando a ascensão profissional da mulher.

Aliada a esta dificuldade estão as exigências de sua participação na família junto aos filhos, à sua socialização e ao cumprimento adequado de seu papel de mãe. Muitas vezes são exigências contraditórias onde os padrões tradicionais acabam por ter maior peso do que as tentativas de romper com eles. As mulheres enfrentam portanto uma dupla dificuldade no sentido de modificar seu papel na sociedade: por um lado, sua imposição enquanto profissionais competentes no mercado de trabalho e por outro, a conciliação das exigências deste mercado de trabalho, cada vez mais competitivo, com o seu papel na família.

Este artigo traz uma reflexão em direção aos problemas que as mulheres vêm enfrentando na família que quase sempre dificultam sua participação no mercado de trabalho, e as impedem de conquistar sua autonomia econômica. Ao mesmo tempo, mostra os dilemas que os homens têm experimentado diante de sua dificuldade em aceitar esta autonomia. Os conflitos vividos no âmbito das relações de gênero na família pelos homens e mulheres pesquisados mostram como os padrões tradicionais ainda vêm sendo reproduzidos. Por outro lado, são justamente esses conflitos que possibilitam vislumbrar mudanças nas relações de gênero na família, pois é a partir das crises que novas relações sociais encontram espaço para se imporem.

(1)

O MODELO DA MODERNA FAMÍLIA NUCLEAR: SUAS CONTRADIÇÕES

As mudanças que têm ocorrido recentemente na família não são um fenômeno isolado. Elas resultam de transformações mais amplas por que passam as sociedades contemporâneas, levando a questionar, sob os mais diferentes aspectos, o modelo da família nuclear moderna.

Na sociedade ocidental, o modelo genérico de família assume a forma específica da família nuclear ou conjugal. Este modelo, vigente em nossa sociedade, é aqui definido como um tipo particular de família, reduzida a um núcleo básico constituído pelo marido, a esposa e os filhos resultantes de sua união, morando todos numa mesma casa.

É um modelo que apresenta uma nítida divisão dos papéis de gênero: compete ao homem o papel de provedor, sendo responsável pelo sustento econômico de sua esposa e dos filhos. A mulher é responsável pelos cuidados dos filhos e trabalho doméstico. Entretanto, enquanto construções sociais, os modelos são mutáveis, encontrando-se sujeitos a transformações próprias à dinâmica da vida social. Mais ainda, os modelos são também construções sintéticas, ou seja, a realidade social nunca lhes corresponde inteiramente. Isto leva à existência de inúmeras exceções e alternativas ao modelo encontradas na realidade empírica (Durham:1982).

A dinâmica real das transformações da vida em nossa sociedade provoca aspirações e necessidades que não estão presentes no modelo de família e que comumente levam a práticas sociais alternativas. Os papéis de gênero definidos pelo modelo da família conjugal, por exemplo, já não se encaixam na família atual. A complementaridade destes papéis, que, do ponto de vista antropológico, constitui o pressuposto da divisão de trabalho na família, revela-se, na sociedade moderna, que se pretende igualitária e que cada vez mais tende a sê-lo, por força das lutas dos mais diferentes grupos sociais, apenas uma enganosa aparência: na prática social, os papéis masculinos e femininos se realizam como desiguais. Para que se possa compreender a especificidade das relações familiares na sociedade moderna, é necessário que se entenda a contradição estrutural em que se funda o modelo da família nuclear, fonte permanente de tensões e origem dos conflitos que vêm levando à sua transformação.

Frente ao mercado de trabalho, à lei do Estado e quase todas as instituições que organizam a vida pública, todos os indivíduos são considerados iguais e, como tais, pelo menos no plano ideológico, eles se colocam. É nessa sociedade que, no âmbito da família, de acordo com o modelo da divisão sexual do trabalho, homens e mulheres passam a ser desiguais, na medida em que a sociedade atribui às tarefas que desempenham, valores distintos, frente ao objetivo de reconhecimento individual e realização pessoal que, indistintamente, enquanto indivíduos, homens e mulheres se propõem alcançar.

Hipoteticamente, quanto mais "moderna" fosse uma pessoa, mais ela teria que reivindicar o reconhecimento de seu valor pessoal e sua individualidade no seio da família, mas quanto mais ela os reivindicasse, mais faria emergir os limites do modelo nuclear de família. A complementaridade dos papéis de gênero na família deveria supor uma reciprocidade e uma igualdade que a sociedade moderna até agora se mostrou incapaz de produzir. A tarefa social da reprodução humana, no seio da família, torna-se incompatível com a realização pessoal que os indivíduos procuram alcançar na família e através dela.

Tendo em vista a noção de igualdade que permeia a sociedade moderna, a complementaridade dos papéis no seio da família deveria ser, no fundo, uma forma de reciprocidade que os tornasse intercambiáveis, permitindo uma troca de função entre os membros da família. A mulher, por exemplo, poderia ganhar dinheiro e o marido ficaria em casa dando mamadeira para o bebê sem nenhum problema. Mas não é isto o que ocorre. Existe uma internalização do modelo tradicional dos papéis de gênero na família, que se traduz como uma cobrança por parte do meio social. As tarefas mais amplas da reprodução da espécie, socialmente organizadas e culturalmente determinadas, fazem com que o modelo prevalente da família nuclear transforme a diferença de papéis em desigualdade. Envolvido com o mundo da rua, nas atividades da esfera pública, o homem detém o poder econômico sobre a mulher e os filhos que, confinados ao mundo da casa, dele dependem. A divisão de papéis neste modelo de família é definitivamente desigual, embora essa desigualdade se esconda sob a aparência da complementaridade das diferenças.

Do ponto de vista histórico, enquanto a mulher pôde permanecer dentro de casa e, graças a um exército de servidores domésticos, manteve a condição de "rainha do lar", aceitando a desigualdade, porque ela era de fato vivida como complementar, este modelo burguês de família não foi questionado e as tensões constitutivas dele não se manifestaram com a mesma intensidade que estão emergindo mais recentemente.

Vê-se, que o aspecto mais crítico do modelo nuclear de família, que pode levar a uma alteração na sua estrutura, encontra-se associado à divisão do trabalho e à definição dos papéis de gênero. A crescente incorporação, a partir do final do século passado e sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, dos valores de igualdade, liberdade e realização pessoal, característicos da sociedade moderna, na agenda de reivindicações de grupos sociais até então excluídos do gozo desses direitos, e sobretudo entre as mulheres, além da crescente participação feminina no mercado de trabalho, acabaram por tornar as relações familiares cada vez mais conflitivas, tendendo a enfraquecer o vínculo conjugal.

Assim, na sociedade atual, conceitos como masculinidade e feminilidade estão sendo redefinidos. A mulher está se integrando no mercado de trabalho e tendo um papel cada vez maior na esfera pública. Neste âmbito, ela compete com os homens em condições de igualdade pos-

to que a força de trabalho é, pelo menos teoricamente, "assexuada". No âmbito doméstico da esfera privada, porém, nem sempre se dá uma mudança equivalente. A mulher continua sendo responsável pelo trabalho doméstico e o cuidado dos filhos e assume uma dupla jornada de trabalho: fora e dentro de casa. Quando o homem deixa de ser o único provedor ou a mulher possui um trabalho economicamente viável, transforma-se estruturalmente a relação familiar.

Segundo Durham (1983), o conflito tende a se agravar na medida em que cada um dos cônjuges, competindo individualmente no mercado de trabalho, tende a cobrar do outro uma participação maior nas tarefas domésticas a fim de que lhe sobre mais tempo para o trabalho e o lazer.

Para a mulher, a relação entre problemas estruturais e problemas pessoais é mais complexa porque o amor mistifica seu trabalho. De acordo com a ideologia da família, a atenção para com as tarefas domésticas não é vista como trabalho mas como expressão de seu amor pelo marido e seus filhos. As dificuldades que ela tem em desempenhar este papel são confundidas com dificuldades de relacionamento com os membros da família e emergem como fracasso pessoal.

Vários autores têm estudado este conflito estrutural da família. Bardwick (1981), por exemplo, propõe como alternativa o "casamento com carreiras paralelas" onde a parceria é mais igualitária. Os cônjuges têm vidas complexas, independentes e, ao mesmo tempo, interdependentes. Ambos têm trabalho de alto padrão, são instruídos e controlam recursos essencialmente idênticos. As distinções entre papéis de homem e mulher são assim minimizadas e não existe a supremacia masculina.

Referindo-se também à questão da desigualdade entre homens e mulheres, Rosaldo (1979) sugere que, para diminuir o conflito, há necessidade não só da participação da mulher no mercado de trabalho, mas também da participação mais ativa do homem na esfera doméstica. Para ela, a oposição entre doméstico e público deveria ser minimizada e dissociada da atribuição de papéis de gênero rigidamente definidos: "os homens que no passado dedicaram suas vidas à realização pública reconhecerão as mulheres como iguais somente quando eles próprios ajudarem a criar as novas gerações assumindo as responsabilidades no lar." (Rosaldo: 1979:60).

Michel (1983) reconhece que na Europa a maioria dos casais onde a mulher exerce uma atividade profissional não goza de uma total reciprocidade, no que diz respeito a direitos e deveres. A mulher continua a efetuar a maior parte dos trabalhos domésticos, julgando a autora que esta seja a razão pela qual a taxa de divórcios tem aumentado nos países industrializados. Ela propõe, neste caso, a constituição de uma "família de dupla responsabilidade" onde haveria uma autêntica reciprocidade entre marido e mulher o que requer a autonomia de cada um, o fim da dependência econômica da mulher e, da mesma forma, o fim da dependência do marido face à produção dos serviços domésticos pela mulher.

Entretanto, qualquer que seja o alcance ou a viabilidade dessas propostas que dizem respeito aos papéis de gênero na família, a questão de fundo por trás do casamento e da família permanece a mesma. "O problema da família se recoloca cada vez que se reapresenta a questão dos filhos e da responsabilidade social associada à maternidade e à paternidade" (Durham, 1983:37).

O Estado tem sido procurado para auxiliar no cuidado das crianças, através de creches ou outras instituições que garantam aos pais os direitos sobre seus filhos. Entretanto, segundo Durham, ainda assim "persiste, o conflito básico entre, de um lado, a livre expressão da individualidade tanto na carreira profissional como na vida amorosa, que enfraquece o vínculo conjugal e, de outro, a responsabilidade conjunta em relação aos filhos, que exige seu fortalecimento" (Durham, 1983:40).

(II)

Foi realizado um estudo entre homens e mulheres, membros de camadas médias da cidade de Curitiba, des-casados e/ou recasados, com filhos, numa faixa etária entre os 35 a 50 anos, com o objetivo de apreender: (1) o significado atribuído ao casamento; (2) a definição e redefinição dos papéis masculino e feminino na família e; (3) as representações sobre paternidade e maternidade.

O estudo desenvolveu-se através de uma pesquisa qualitativa com a aplicação de 22 entrevistas abertas a 12 mulheres e 10 homens e uma pesquisa quantitativa, aplicando-se 246 questionários a 111 mulheres e 135 homens casados, com as mesmas características dos informantes descasados e recasados, visando à comparação com os dados das entrevistas e a ampliação do universo de análise.

Os resultados integrais deste estudo encontram-se numa tese que apresenta a etnografia do casamento e do descasamento, procurando desvendar o modelo de família que está subjacente à representação dos informantes. (Carvalho: 1992)

Uma sinopse dos resultados do estudo será aqui apresentada, ressaltando os dados que tratam mais especificamente dos papéis de gênero na família e os conflitos decorrentes de sua prática. Como a pesquisa foi dirigida a pessoas descasadas, que romperam com o modelo tradicional de família, a ênfase dada pelos informantes foi nos conflitos pois, a partir da experiência do descasamento, passaram a ter uma perspectiva crítica de seu relacionamento conjugal.

PAPÉIS CONJUGAIS E A VIDA COTIDIANA

Os entrevistados de ambos os sexos foram unânimes em afirmar que o homem tem na família o papel de provedor. É de sua responsabilidade ganhar dinheiro para sustentar sua família. Nos casos em que a mulher tinha ativi-

dade remunerada, o seu dinheiro era visto como um complemento ou uma ajuda. Houve casos em que, temporariamente, quando o marido não estava ainda bem estabelecido em sua profissão, o trabalho remunerado da mulher foi essencial para o sustento da família. Mas esta situação foi vista por ambos, marido e mulher, como excepcional, temporária e que deveria ser superada.

As mulheres que exerceram atividade remunerada no casamento tiveram sempre a preocupação em buscar um trabalho que não fosse em tempo integral ou que lhe permitisse uma certa autonomia no sentido de poder atender as exigências de seu papel de esposa e mãe. Esta preocupação está diretamente ligada à representação que elas e seus maridos tinham sobre o papel da mulher no casamento. É de sua responsabilidade o cuidado com os filhos e com a casa. Mesmo quando elas trabalhavam fora e ganhavam razoavelmente bem, às vezes tanto quanto seus maridos, elas tinham que dar conta também da socialização e bem estar dos filhos e do trabalho doméstico.

O papel masculino de provedor não foi questionado por nenhum homem entrevistado. Todos assumiram-no como genuinamente seu. Um homem fez referências ao fato de que sustentar a família, ser o único responsável por isto, ter que vencer nas atividades instrumentais representou para ele, em alguns momentos de sua vida, um peso.

(Cezar, 39 anos)

"Eu estava me estraçalhando, tentando cumprir um compromisso de trabalho. Tinha um tempo x de bolsa. Tinha angústia porque não tinha emprego no Brasil. Voltar para o Brasil, com um filho a tiracolo, sem terminar o curso, o que eu ia fazer no Brasil? Era angustiante.. eu era o provedor, eu que tinha a obrigação de trazer o dinheiro pra dentro de casa. Com as aulas que ela dava, ela nunca ia conseguir..."

Todas as mulheres disseram que era o marido quem controlava o orçamento e os gastos da família. Com relação e este aspecto, elas tiveram pouca autonomia. Houve casos extremos em que este controle foi total.

(Maria Inês, 43 anos)

"Ele controlava todos os gastos da casa, desde supermercado até o colégio das crianças. Não me dava mesada, mas nunca faltou nada. Eu nunca soube quanto ele ganhava, quanto gastava com as despesas da casa e com ele. Raramente eu ia no supermercado com ele fazer as compras grandes. Ele dava dinheiro para o leite e o pão de todo dia, mas era tudo anotado, até o chicletes."

Como os homens assumiram o papel de provedores achavam que sua parte estava cumprida no casamento, não aceitando as cobranças que suas mulheres lhes faziam para que participassem também do trabalho doméstico e cuidado dos filhos. Havia, ao contrário, uma cobrança

deles de que elas deveriam mesmo assumir sozinhas este papel e uma crítica quando não o faziam.

(Cezar, 39 anos)

Ela tinha resistência a isto (trabalho doméstico). Apesar dela fazer, fazia de mau gosto. Várias vezes eu ia comer fora, sozinho, porque eu tava com fome e não tinha nada pra comer em casa. Eu achava isso falta de consideração porque se eu tinha expediente integral e ela tinha só meio expediente não custava... Eu falava: -Eu prefiro, se você trouxer o mesmo tipo de numerário, eu fico em casa. Eu não tenho esse orgulho de dizer: eu sou o homem da casa... Eu acho ótima a vida do lar, eu posso ler, fazer o curso que eu gosto, sobre arte, filosofia."

(Mauro, 43 anos)

"Eu não dava atenção aos problemas domésticos, nunca tive muita paciência pra isso. Ela sempre assumiu tudo."

Alguns, no início da vida de casados, ajudavam a esposa, mas tão logo passou o entusiasmo inicial omitiram-se como os demais dos afazeres do lar. O discurso de todos os homens revela a idéia de que o trabalho doméstico, como por exemplo, cozinhar diariamente, lavar e passar roupa, limpar e colocar em ordem a casa, lavar louças, banheiros, cuidar de crianças é "coisa de mulher". Esta divisão de trabalho está de tal forma arraigada que as próprias mulheres a assumiram sem muita alternativa, mesmo quando não concordavam com ela.

Para resolver conflitos em torno de quem faz o trabalho doméstico surge como imprescindível para a felicidade do lar, a empregada doméstica que contribui para manter o equilíbrio neste campo conflituoso da vida familiar. Além da empregada doméstica, mãe, sogra e tias também foram citadas como pessoas a quem as mulheres recorriam. Em alguns casais, a mãe da mulher assumiu mais do que o marido o papel de seu auxiliar para este tipo de trabalho. Isto trouxe consequências nem sempre agradáveis para o marido e a mulher.

(Letícia, 38 anos)

"A minha mãe é a supermãe do Ziraldo. É uma estrada com duas vias, porque na medida que ela me ajuda, ela se sente no direito de palpar."

A vivência deste modelo de família apresentou uma série de implicações e consequências que levaram a sérios conflitos, levando à ruptura do casamento. O fato do marido ser considerado responsável pela manutenção da família torna-o dono do dinheiro. De acordo com a lógica de uma sociedade capitalista quem tem dinheiro tem poder. Sabe-se que tradicionalmente, no modelo de família conjugal, o homem é o chefe da família.

O poder de decisão masculino quanto às regras da

relação conjugal revelou-se antes mesmo do casamento. Não foram poucas as entrevistadas que receberam de seus noivos como condição para se casarem deixar de estudar, no caso de estarem fazendo algum curso superior ou não trabalhar fora. Elas concordaram sem discussão como se fosse "natural" que eles decidissem sobre isto.

(Fátima, 40 anos)

"Conheci meu ex-marido na Faculdade. Fizemos vestibular juntos, começamos namorar. Ele disse pra mim: -Nós vamos ficar noivos, ou a Faculdade ou o noivado. Como você quer casar, gosta, aquela paixão, aquela coisa, eu larguei a Faculdade, tranquei a matrícula, noivei e casei."

(Letícia, 38 anos)

"Comecei namorar com ele muito cedo, com 16 anos. Quando terminei o Normal já tava noiva. Naquela época, quando avantei fazer Faculdade... Eu achava até bonito: ah, ele não quer que eu estude, vou cuidar de casa. Acabei o Normal, 2 anos depois casei."

Desde o início do casamento o marido passa a assumir atitudes no sentido de controlar e direcionar a vida de suas mulheres pois, segundo sua opinião, este era um papel que lhes cabia. É claro que, mesmo não havendo uma consciência clara das mulheres a este respeito, houve permissão delas para que eles assumissem esta postura.

(Fátima, 40 anos)

"Ele não gostava muito que eu trabalhasse. Ele reclamava assim: se ele chegasse em casa ó horas e eu não estivesse, dava confusão. Eu tinha que estar sempre no horário que ele estivesse."

(Joana, 41 anos)

"Passei a ser mandada por ele. Se ele dizia: -Que sapato bonito, tava bom, senão não. Ele se metia em tudo: no meu sapato, na bolsa, no meu brinco, no que eu falava e no que eu pensava."

(Maria Inês, 43 anos)

"Sempre fui muito ativa, sempre participei de tudo, sempre adorei festa. Meu marido não, podou tudo, tudo, tudo... Parei de estudar porque ele não queria, mas depois de 8 anos de casada, já que não veio o tão esperado filho, resolvi: vou voltar a estudar ou trabalhar. Ele optou para que eu fosse estudar."

A história de vida de algumas mulheres revela que elas tiveram suas carreiras profissionais interrompidas ou prejudicadas devido a imposições do marido e, naturalmente, ao consentimento delas a estas imposições. Mas

nem sempre as mulheres deixaram de exercer atividade profissional por exigência do marido. Muitas vezes elas próprias abdicavam de suas carreiras ou exerciam-nas de forma secundária por livre iniciativa, pois consideravam que seu papel mais importante era o de mãe em primeiro lugar e depois, o de dona de casa.

(Maria Inês, 43 anos)

"Quando terminei meu curso queria trabalhar. Mas o último ano já foi supersacrificado. Não tinha empregada pra deixar a menina. Eu também fui comodista, podia ter ido, mas sempre fui de boa paz. Podia ter batido o pé. Mas ele não quis e eu não fui."

Pode-se dizer que todas as relações conjugais desvendadas nessas entrevistas foram desde o início até o seu desfecho relações desiguais. Na representação da maioria, o marido é quem "manda na casa, na mulher e nos filhos". Isto se deu de uma forma sutil ou abertamente, dependendo de cada caso. Esta é uma questão cultural bastante forte na sociedade brasileira e tem relação com o modelo patriarcal de família que se formou desde o início de nossa história.

Todas as mulheres envolvidas nesta pesquisa tiveram uma socialização em suas famílias de origem e na escola voltada para sua formação como "esposas".

(Joana, 41 anos)

"Sempre estudei em colégio de freiras. Quando todas as minhas colegas terminaram o colégio pensando em casar. Quem era namorada firme, noiva era assim: acabava o colégio, ia aprender a bordar na D. Zezé e casava. De 24 moças formadas, a única que fez vestibular fui eu. Eu não tinha uma amiga pra conversar sobre que curso fazer, trocar uma idéia, só falavam em casamento..."

Quando tinham irmãos via de regra os pais davam a eles o direito de controlar as irmãs e acompanhá-las quando saíam "para protegê-las". Eles tinham também mais liberdade de ir e vir do que as irmãs, criadas sob maior controle dos pais. Neste tipo de educação as mulheres acostumaram-se a ver o homem com direito a mais liberdade e autonomia e a mulher submetida ao controle masculino.

Elas aprenderam, não necessariamente a executar o trabalho doméstico, mas pelo menos a raciocinar em termos de que numa casa este trabalho e o cuidado dos filhos são da mulher. Foram educadas e preparadas para casar dentro deste padrão, com a idéia de que, por serem moças responsáveis, teriam que ser donas de casa perfeitas.

Cabe aqui um parêntese para introduzir a visão masculina a este respeito. Comentando sobre o conflito que

vive a mulher profissional em sua empresa, quase sempre dividida entre o seu papel na família e no trabalho, um dos homens entrevistados fez a seguinte reflexão:

(Cezar, 39 anos)

"A mulher no Brasil não foi educada pra ser autônoma, pra se defender. O homem se entrega pra vida no mundo, a mulher não; pensa primeiro em achar alguém pra casar. Com isso, ela não tem a mesma competitividade no mercado de trabalho. Se a mulher for competente, ela tem as mesmas chances de pegar uma posição boa e ganhar tão bem, igual ao homem. Mas isto, se ela apresentar um padrão profissional. Se vier com aquele esquema de mulher, de dificuldade de horário, de não poder viajar, aí dançou. Aí ela vai virar subalterna, ter empregos menores e aí o esquema é casar."

Não foram poucas as mulheres impedidas ou desestimuladas pelos pais de entrar num curso superior ou escolher a própria profissão ou orientadas a escolher um curso mais "apropriado" para elas.

(Dulce, 37 anos)

"Eu fiz escola normal e eu queria ser jornalista. Como eu estudava piano, estava no último ano, a família foi contra. Eu demorei para amadurecer, não tinha essa coisa de independência. Eu acatei e daí acabei não me formando: desisti do piano no último ano e fiquei com aquela frustração de querer ser jornalista."

(Joana, 41 anos)

"Hoje em dia eu acho que eu tenho vocação pra Medicina. Mas as moças nem ousavam querer... Pensei: Ah, imagina! isso eu não vou conseguir! Meu pai não tinha muito tempo de bater muitos papos comigo. Eu mesma não sabia bem, por que todo mundo dava tanto valor pra namoro e a gente também se envolve... Fiz um mês de cursinho e desisti. Pensava: isso não é pra mim, eu não posso. Daí fui fazer Ciências Sociais e não gostei."

(Jacira, 35 anos)

"Eu sempre fui muito rebelde. Com 17 anos decidi que ia trabalhar. Foi um salseiro na minha casa. A filha do Seu Fulano trabalhando, era uma afronta à dignidade do meu pai! Quase não pude assumir porque meu pai não quis assinar a carteira, eu era menor..."

Algumas falaram que eram tão dominadas pelos pais, que não tinham vontade própria, não sabiam o que queriam nem do que gostavam, sendo suas vidas dirigidas por eles. Quando casaram, essas mulheres passaram do domínio dos pais para o dos maridos.

(Jacira, 35 anos)

"...me frustrei com uma série de coisas que eu pensei que poderia ter depois de casada. Eu queria me libertar de um opressor que era meu pai (descendente de alemães) e caí num opressor chamado marido (descendente de italianos). Até brinco sempre: saí de um regime nazista e entrei num fascista."

Deixaram de estudar, trabalhar, sair com seus amigos, seguiam os horários de saídas, chegadas e locais determinados pelo marido. Não tiveram a determinação de impor também a sua vontade, seja porque nem sabiam como fazê-lo, seja porque estavam apaixonadas e achavam que o papel de uma mulher apaixonada era o de fazer tudo o que seu homem deseja, servindo-o de corpo e alma.

Alguns maridos, por outro lado, revelaram-se, segundo as mulheres, homens frios, calados, secos e autoritários. Imbuídos que estavam no cumprimento de seu papel como maridos mostraram-se mais preocupados em interpretar o código da esfera pública, orientar suas esposas dentro dele, exercer suas atividades instrumentais e vencer, assumindo, na representação dos dois, o papel de dono da casa.

Todos os homens entrevistados também são provenientes de famílias que se pautaram pelos valores tradicionais e tiveram no pai o modelo do que é ser "o homem da casa". Em suas famílias de origem, a mãe sempre teve o papel tradicional desde o aspecto econômico-financeiro, a submissão ao pai, até o aspecto de suas funções dentro de casa. Estavam sempre prontas a servir o marido, "davam-lhes tudo na mão".

A maioria teve um pai rígido com uma educação também rígida, no sentido de incutir neles o papel do homem na sociedade, sendo sempre o pai aquele que ditava as regras e exigia o seu cumprimento e a mãe, a protetora dos filhos.

(Anderson, 50 anos)

"A minha mãe era o amortecedor. O pai era a tempestade ela era a bonança. Era tranquila: -Não irrite seu pai, ele é brabo. Ela era o afago nosso. Hoje a gente brinca: pô, mulher ideal na nossa vida é a D. Fulana, né? Era aquela sofredora, aquela subserviente, aquela que era amém. Era a comidinha na mesa, a roupinha arrumadinha. Foi uma figura marcante, uma marca perene."

Considerando o papel da família na transmissão dos modelos, pode-se dizer que estes homens introjetaram os papéis familiares que presenciaram quando crianças e adolescentes. Isto não significa que os tenham reproduzido integralmente em suas famílias de procriação pois não se deve subestimar a capacidade crítica das pessoas, além de mudanças no meio social mais amplo que, naturalmente, provocaram alterações nas relações da família.

Assim, nem sempre as mulheres submeteram-se tão

facilmente às imposições de seus maridos em todos os aspectos de sua vida. Algumas procuraram se libertar trabalhando fora, fazendo cursos, buscando o sucesso e afirmação fora do lar, mesmo à revelia deles.

A maioria revelou que seus maridos tinham por hábito criticar e ridicularizar tudo que elas faziam. Menosprezar e subestimar suas atividades e desqualificá-las foi uma atitude comum, dificultando o esforço que elas faziam para conquistar uma certa autonomia. Sentiam-se tolhidas em seu desempenho, no desenvolvimento de suas potencialidades e em sua espontaneidade.

(Joana, 41 anos)

Separei com 16 anos de casada. Até 5 anos antes ele tava fundindo a minha cuca, eu tava completamente despersonalizada. Ele dizia assim: -Eu deixo você trabalhar, mas veja, não vai trazer nada pra você. Ou: -Eu deixo você fazer, mas você não é capaz."

(Letícia, 38 anos)

"Pensava em trabalhar, mas ele tinha o hábito de desfazer tudo que eu fazia. Quando terminei o casamento eu me sentia um lixo, completamente incapaz. A maior agressão que ele tinha era me chamar de burra. Nos últimos tempos eu vivia cada vez mais tolhida. Em qualquer reunião não falava mais perto dele de medo, porque ele sempre vinha com uma ironia."

(Jacira, 35 anos)

"Fiz o vestibular contrariando meu pai e meu marido. Pra eles, eu ia pra Faculdade pra arranjar homem. Passei em primeiro lugar. Ele não admitia que eu falasse sobre isso.... Ele me ridicularizava profissionalmente, me ridicularizava como mãe. Em vez dele arrumar uma maçaneta numa porta, ele dizia: -Você não fez isso ainda? Olha essa cortina, olha minha camisa..."

Além destas atitudes de superioridade do marido, algumas mulheres queixaram-se que eles se omitiram totalmente no sentido de ajudá-las a vencer suas dificuldades. É o caso da mulher que trazia seus problemas pessoais e existenciais para o marido e ele não estava em sintonia com suas preocupações. Achava tudo irrelevante pois os problemas dele eram muito mais importantes: trabalhar, vencer a competição "lá fora" e ganhar dinheiro.

Nenhum homem entrevistado falou explicitamente a respeito de um eventual domínio que tenha exercido sobre a vida de sua esposa. Algumas atitudes que certamente seriam vistas pela mulher como dominação foram citadas pelos homens como atitudes corriqueiras de um marido, como se eles não se apercebessem da dominação que exerciam. Tudo indica que a maneira de ver esta questão na família segue padrões diferenciais para homens e mulheres.

(Júlio, 35 anos)

Eu tava no começo de vida, eu comprei apartamento, eu mobiliei ele inteiro.. arrumei uma empregada pra ela... eu cheguei à conclusão que ela precisava de um filho... eu arrumei emprego pra ela... eu achei que o emprego antigo dela não servia... ela não tinha muito o que querer."

(Marco Antônio, 37 anos)

"A gente não brigava muito ... Quando eu achava que ela tava sem razão, e eu sempre achava que ela tava sem razão, eu começava a cortar a conversa dela e ela queria falar mais alto, aí eu dava um grito e acabava a discussão."

Por outro lado, os homens que tiveram mulheres que se dedicaram apenas ao lar queixaram-se que não conseguiam manter com elas um diálogo ou uma conversa interessante. O fato da mulher estar mais voltada para o trabalho na esfera privada, enquanto o marido domina mais o trabalho na esfera pública, gera diferenças na maneira de pensar, valores e interesses de cada um.

(Júlio, 36 anos)

"Na convivência com outras pessoas a gente começa abrir a cabeça.... No meu trabalho a gente trocava muitas idéias, muitos questionamentos... Ela pensava muito restrito, só no ambiente da casa... Eu vivia meu lance profissional só fora de casa e em casa eram os problemas de sempre: casa, criança, escola. Nossas cabeças tavam muito diferentes..."

(Mauro, 43 anos)

"Ela reclamava que eu não dava atenção a ela nem aos problemas domésticos... Eu não conseguia ouvi-la falando sobre isso... Tive ascensão profissional, me tornei gerente da empresa... Ela não teve um progresso intelectual. Várias vezes cheguei pra conversar com ela mas ela vinha com os problemas domésticos. Comecei questionar: será que gosto dela?"

Com a sensação de que davam muito de si e pouco recebiam em troca; com o isolamento do marido; mais a falta de atenção; de reconhecimento, consideração e afeto que sofreram durante o casamento; além de uma vida sexual cada vez mais difícil, agravada pela infidelidade muitas vezes visível do marido, essas mulheres passaram a sofrer uma insatisfação cada vez maior que se manifestou em algumas através de sintomas de várias doenças.

(Jacira, 35 anos)

"Eu sofria de fortes dores de cabeça. Pensei que tivesse algum problema sério, de fundo neurológico, ou algum tumor na cabeça. Aí resolvi ir ao médico. Eu não tinha absolutamente

nada. Ele disse que minha dor de cabeça era puramente psicossomática. Era uma forma do meu organismo se rebelar contra toda aquela pressão. Comecei fazer terapia... Eu não tinha consciência que vivia pressionada. Eu era gorda, não tinha vontade de me arrumar, pesava 95 quilos." (hoje pesa aproximadamente 53 quilos).

Com a saúde abalada, a auto estima em baixa e a sensação de vazio em suas vidas, muitas procuraram na psicoterapia solução para seus problemas pessoais. Passaram a perceber o quanto se anularam no casamento e tentaram uma afirmação pessoal através de cursos, a busca de uma formação profissional ou a atuação no mercado de trabalho.

Neste processo houve um crescimento pessoal com a conquista de uma autoconfiança nunca experimentada antes. Para algumas, o simples fato de passarem a exercer uma profissão, e serem nisto bem sucedidas, foi o suficiente para sentirem autoconfiança e acreditarem na sua capacidade de realização. O florescimento destas mulheres como pessoas independentes deu-lhes uma dimensão do mundo até então desconhecida.

(Jacira, 35 anos)

"Depois da terapia, comecei a ver o que ele tava fazendo comigo, como se eu estivesse do lado de fora. Era como se estivesse vendo um filme. Comecei a ver quem era o inseguro, quem era que tava tornando nossa vida um inferno. Quem precisava de terapia não era eu, era ele! Eu tava livre, eu tinha o mundo inteiro na minha frente!"

(Maria Inês, 43 anos)

"Ele mesmo me dizia: -Você não tem onde cair morta! Eu não tinha mesmo. Hoje eu sei que tenho capacidade e força. Cinco anos antes de me separar comecei fazer cursos, trabalhar, ganhar um dinheirinho, ter a minha vida. Esta idéia de trabalhar foi amadurecendo, foi crescendo na minha cabeça..."

Enquanto algumas mulheres tomaram consciência das dificuldades que viveram no casamento e reagiram a ponto de chegar ao rompimento, o discurso dos homens apresentou-se permeado por ambigüidades com relação a seu papel no casamento e ao de suas mulheres. Esta ambigüidade revela-se em diferentes aspectos: se por um lado, os homens não querem dividir com a mulher a responsabilidade pelo trabalho doméstico porque não consideram este o seu papel, por outro, não se satisfazem com mulheres que se dedicam integralmente a ele. Se por um lado, não gostam de mulheres inseguras e dependentes, por outro, sentem-se inseguros com mulheres independentes.

(Cezar, 39 anos)

"Acho o casamento uma camisa de força,

você não tem espaço. Não vejo como conciliar isso, no próprio relacionamento atual que eu tenho. Não quero cercar a pessoa, nunca fui assim, não quero ser chato, não quero controlar, e eu tô fazendo isso. Quando eu era casado nunca me ocorreu da minha mulher ter outro homem. As mulheres hoje estão mais disponíveis e acho que isso está me assustando. Hoje, a coisa tá tão livre... Será que não passa pela cabeça dela ter outra experiência? Isso tá me fazendo mal... me dá uma insegurança!"

Há também uma certa ambigüidade com relação à aparência física e ao comportamento da mulher: enquanto uns queixaram-se que suas mulheres descuidaram-se da aparência, não se arrumavam mais, "*deixaram de ser vaidosas*" e eles queriam ter uma mulher "*arrumada, cheirosa e gostosa*", outros, justamente porque suas mulheres tinham estas qualidades, exerciam o papel de guardião de sua sexualidade, tolhendo-as em seu trabalho ou sentindo-se inseguros com relação ao comportamento delas.

Os homens entrevistados apresentaram-se confusos quanto ao tipo de mulher que eles querem e qual o papel delas em relação a eles enquanto esposas. Quando arriscam ser mais liberais, com uma mentalidade mais moderna e aberta, sentem-se inseguros como se as coisas estivessem fugindo de seu controle. Quando vivem o modelo tradicional deparam-se com a sua própria insatisfação perante um tipo de mulher considerado por eles superado, além da insatisfação da mulher por uma vida dependente que a tolhe e oprime. Tudo indica que eles querem usufruir das vantagens dos dois tipos de mulher: a tradicional e a moderna, mas que as conseqüências das duas situações trazem-lhes dissabores: insatisfação num caso e insegurança no outro.

CONCLUSÕES

A vida moderna fez surgir e desenvolver-se valores que são contraditórios à complementaridade de gênero existente no modelo tradicional de família, criando tensões e conflitos. As entrevistas revelaram que a relação conjugal, sendo uma relação de interdependência, não é uma relação igualitária. É também uma relação de dominação na medida em que na sociedade, esses diferentes papéis de gênero não estão colocados em igualdade. O papel do marido é considerado mais importante e o da mulher é visto como um papel menor. A complementaridade desses papéis esconde sob uma aparente igualdade sua assimetria. Nem mesmo o casamento com carreiras paralelas, onde marido e mulher exercem atividades profissionais igualmente significativas, é suficiente para mudar a relação desigual de gênero na família.

Existe a demanda para a participação crescente da mulher na esfera pública através de sua atuação no mercado de trabalho como uma profissional integral. O movimento de liberação feminina traz em seu bojo um conjunto de novos valores cuja aceitação é cada vez mais ampla.

Porém, para que a mulher possa efetivamente assumir os novos papéis que a sociedade lhe oferece é preciso que o seu papel dentro da família também se modifique, ou seja, é preciso que o trabalho doméstico e com os filhos deixe de ser considerado uma tarefa menor, "*coisa de mulher*". Quando marido e mulher forem igualmente responsáveis por estes papéis, ambos terão chances iguais de realização profissional. Nos casos analisados, vimos que esta mudança concretamente não ocorreu.

Alguns setores da sociedade contribuem para reforçar esta divisão de papéis. É só observar a maioria dos comerciais de produtos domésticos apresentados através da mídia. Apesar de toda a "modernidade" de que se revestem, mostram sempre a mulher como a responsável apenas pela manipulação destes produtos: o marido os compra, a mulher os utiliza.

Os dados da pesquisa quantitativa mostraram esta realidade, quando se observa, por exemplo, que a idéia de que "*casa e filhos sujos e mal arrumados significam desleixo da mulher*" recebeu o índice de 60% das afirmações assinaladas, sendo que neste total, 52% representam a afirmação assinalada pelos homens e 48% pelas mulheres. Da mesma forma, 60% assinalou a afirmação "*se for necessário faltar ao trabalho para atender necessidades com a casa ou os filhos, quem falta com mais frequência é a mulher*", sendo 47% das afirmações assinaladas pelos homens e 53% pelas mulheres.

Permeando as situações de tensões na família está a contradição entre o individualismo e a definição dos papéis familiares. De um lado, o constante controle de um anula o outro como pessoa, impedindo-o de se realizar enquanto indivíduo. De outro, o intenso envolvimento de cada um em seus respectivos papéis é visto como indiferença e traz a insatisfação individual.

Entretanto, é importante considerar que houve uma época na vida da maioria destes casais em que estas tensões, quando surgiram, foram contornadas, e o casamento viveu a sua fase boa. Houve, portanto, momentos em que o casamento "deu certo", geralmente coincidindo com a sua fase inicial, época da constituição da família (filhos nascendo ou ainda muito pequenos); da construção do patrimônio e da consolidação da vida familiar quando há realização conjunta e complementaridade, o que favorece a sustentação da relação conjugal.⁽¹⁾

Está prometida no modelo de família a realização integral da individualidade que neste tipo de sociedade o casamento não é capaz de dar. Os entrevistados mostraram que as relações de gênero estão sendo vivenciadas na família com tensões, e exatamente a tentativa de implementar os papéis de marido e mulher que está no modelo, é que é a razão das tensões, porque não há igualdade. Os papéis masculinos e femininos na verdade são pensados como desiguais e não como iguais e recíprocos. Entretanto, as dificuldades não são percebidas como problemas estruturais e são vividas no plano das relações interpessoais, através de queixas e ressentimentos, através, enfim, da depredação do plano afetivo.⁽²⁾

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDWICK, Judith M., 1981. *Mulher, Sociedade, Transição*. São Paulo: Difel.
- CARVALHO, Marília & CRAVO, Veraluz Z., 1988. Antes Mal-Acompanhada do que Só: Estudo de Relações Familiares em Grupos Matrifocais" em *Boletim de Antropologia*, V.1 nº.3. 23-43; Departamento de Antropologia, UFPR., Curitiba.
- CARVALHO, Marília Gomes de, 1992. *As Vicissitudes da Família na Sociedade Moderna: estudo sobre o casamento e as relações familiares*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Universidade de São Paulo. (Mimeo.)
- DURHAM, Eunice R., 1980. "Família Operária: Consciência e Ideologia" em *Dados: Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro. Editora Campus, vol. 23 (n. 2): 201-213.
- _____, 1982. "Família e Casamento" em *Anais do Terceiro Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP)*, realizado em Vitória, E.S. : 31-49.
- _____, 1983. "Família e Reprodução Humana" em *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, vol. 3 13-44.
- MACEDO, Carmen C., 1979. *A Reprodução da Desigualdade*. São Paulo: Editora Hucitec.
- MICHEL, Andrée, 1983, *Sociologia do Casamento e da Família*. Lisboa: RES Editora.
- ROSALDO, Michelle Z., 1979, "A Mulher, a Cultura e a Sociedade: uma Revisão Teórica" in Rosaldo, M. Z. e Lamphere, L. (orgs) *A Mulher, a Sociedade, a Cultura*. R.J.: Paz e Terra.
- RODRIGUES, Arakcy, 1978. *Operário, Operária*. São Paulo: Ed. Símbolo.
- ZALUAR, Alba, 1985. *A Máquina e a Revolta*. São Paulo. Ed. Brasiliense.

(1) Deve-se ressaltar a diferença de classes quanto às questões aqui levantadas. Esses conflitos estão mais presentes entre famílias de camadas médias. Trabalhos antropológicos e sociológicos têm mostrado que nas camadas de baixa renda os conflitos estão voltados justamente para situações em que os agentes sociais não conseguem reproduzir este modelo de família nuclear, visto como ideal. Ver Durham (1980); Macedo (1979); Rodrigues (1978); Carvalho & Cravo (1988) e Zaluar (1985).

(2) Vários motivos foram alegados pelos entrevistados para a dissolução de seus casamentos. Porém, para atender aos objetivos deste artigo foram apresentados aqui somente os conflitos relativos à divisão dos papéis de gênero.